



A EXPANSÃO URBANA E SEUS IMPACTOS PARA A PAISAGEM CULTURAL DA CIDADE: o conjunto paisagístico da Igreja de São Francisco em Sabará-MG

MUNAIER, LUIZ HENRIQUE DE LUCCA

Ambiente construído e Patrimônio Sustentável - UFMG

sabaratour@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo irá discutir as relações entre a ocupação irregular, que se espalha pelas montanhas e morros que circundam o município de Sabará-Mg, o patrimônio cultural material, no caso específico da Igreja São Francisco, localizada no centro histórico de Sabará, o conjunto paisagístico do morro São Francisco, e os impactos sobre a paisagem cultural da cidade. Em 2008, o município iniciou um processo de tombamento deste conjunto paisagístico, que hoje sofre com a expansão do bairro do Rosário. O artigo irá recuperar um termo de cooperação técnica firmado no ano de 2000 entre o poder público municipal, o IPHAN, o IEPHA e o CREA-MG, que trata do exame dessas intervenções urbanas e da adequação do uso dos instrumentos legais já existentes, além de sua operacionalização. O termo propunha a criação de ferramentas de controle e preservação dentro do perímetro de tombamento e de seu entorno, bem como a determinação do uso e ocupação do solo nas áreas de interesse histórico e cultural, nas áreas de influência de bens tombados e de seu entorno, bem como nas áreas de preservação paisagística e ambiental da cidade de Sabará.

Palavras-chave: Paisagem urbana, Sabará, expansão urbana.

Introdução

Sabará surgiu das expedições à procura de pedras preciosas. Tendo sido fundada provavelmente em fins do século XVII, foi um importante núcleo comercial e de mineração. Segundo ÁVILA (1984), o acervo histórico de Sabará constitui marco inicial para o conhecimento de todo o Barroco Mineiro.

A cidade possui monumentos das três fases deste período e acervo como importante testemunho em Minas, incluindo não apenas obras consagradas pelo seu caráter monumental ou de comprovado valor histórico, mas também espaços públicos e conjuntos de edificações nas várias expressões da evolução urbana. A cidade abrigou milhares de escravos que trabalhavam em suas jazidas. O ouro encaminhado à Coroa Portuguesa era em tal quantidade que o governo instalou a Casa da Intendência de Sabará para facilitar a cobrança do quinto, que era Imposto cobrado pela Coroa portuguesa sobre o ouro encontrado em suas colônias.

Em 1838 a então Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará foi elevada à categoria de cidade, sendo denominada simplesmente Sabará.

O município não foi exceção à regra de que durante a colonização portuguesa no Brasil, quase tudo em matéria de educação, cultura e assistência social correu por conta das ordens religiosas, corporações de irmandades e ordens terceiras.

A chegada da Estrada de Ferro Central e da siderurgia à Sabará teve como objetivo dar vida nova ao estado de prostração econômica provocada pela decadência da mineração. O município foi atraído pelo futuro, modernização e transformação de seu espírito colonial. Na década de 1890 as obras de construção da Estrada de Ferro Central do Brasil em Sabará foram iniciadas.

Por localizar-se próxima à recente capital do Estado, a estrada adquiriu grande importância política e estratégica, e contribuiu para a alteração da vida na cidade. As jazidas de ouro de Minas Gerais estavam esgotadas e o crescimento do setor industrial do Brasil demandava novas iniciativas.

Porém as condições internacionais desfavoráveis da Primeira Guerra Mundial atrasaram a instalação da siderurgia, que só teve o seu projeto implantado a partir de 1920.

Além disso, a infra-estrutura precária e a concorrência estrangeira exigiam novos investidores. Foi por intermédio do rei Alberto I da Bélgica, que chegou a Minas Gerais

o grupo belgo luxemburguês Arbed (Aciéries Reunies de Burbach-Elch-Dudelange), que resolveu se associar a Companhia Siderúrgica Mineira que passou a se chamar Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. Foi instalada uma usina piloto, porém seu desempenho não foi o esperado pelos investidores, pois o ramal ferroviário necessário para sua operação não tinha sido construído.

Entre 1926 e 1927 a usina ficou paralisada quando o grupo belga resolveu enviar ao Brasil o engenheiro Louis Incha, que assumiu a chefia, providenciou novos equipamentos e melhorou a qualidade do produto. Mas as condições econômico-sociais da cidade ainda não eram adequadas para garantir mão-de-obra. Atrelada à condição de prolongamento da capital, Sabará viveu durante anos o abandono e foi condenada ao papel de “cidade dormitório”.

O município, distante 20 Km do centro da capital mineira, é hoje um município economicamente fragilizado. A cidade sofre intensamente as conseqüências do processo de metropolização de Belo Horizonte. A expansão demográfica transformou-a em alvo de ocupações irregulares, exigindo grandes investimentos no setor de serviços e infra-estrutura.

A fim de se discutir essas ocupações irregulares, será feito um recorte espacial e o conjunto paisagístico do morro São Francisco, juntamente com a Igreja São Francisco, ambos localizados no centro histórico da cidade, serão usados como estudo de caso para ilustrar os impactos causados na paisagem cultural de Sabará.

Paisagem cultural

Para ser entendido o que se busca neste artigo, deve-se apresentar um conceito que vem sendo amplamente discutido no meio científico e acadêmico, o de paisagem cultural.

As Paisagens Culturais são um objeto científico de estudo que reflete as interações entre homem e natureza, tendo como produto uma realidade física, ou uma construção social ou cultural, são, portanto um tema de natureza e foco disciplinar muito diverso.

Esse conceito de paisagem cultural foi adotado pela UNESCO em 1992 e incorporado como uma nova tipologia de reconhecimento dos bens culturais, conforme a Convenção de 1972 que instituiu a Lista do Patrimônio Mundial.

Recentemente, mais especificamente no dia primeiro de julho de 2012, o Rio de Janeiro se tornou a primeira cidade do mundo a receber da UNESCO o título de Patrimônio Mundial como paisagem cultural. Esse título se torna um importante mecanismo de proteção patrimonial. A partir da obtenção do título, os locais da cidade valorizados com o título da UNESCO ganharam projetos de ações integradas visando à preservação da sua paisagem cultural. São eles o Pão de Açúcar, o Corcovado, a Floresta da Tijuca, o Aterro do Flamengo, o Jardim Botânico e a praia de Copacabana, além da entrada da Baía de Guanabara.

Até pouco tempo atrás, os sítios reconhecidos mundialmente como paisagem cultural relacionavam-se a áreas rurais, a sistemas agrícolas tradicionais, a jardins históricos e a outros locais de cunho simbólico, religioso e afetivo. O reconhecimento do Rio de Janeiro culminou uma nova visão e abordagem sobre os bens culturais inscritos na Lista do Patrimônio Mundial.

Por isso, apesar do conceito estar incluso como nova tipologia do patrimônio mundial há mais de vinte anos, sua discussão se faz recente e presente, ganhando novo patamar a cada nova inscrição de algum local como possível paisagem cultural ou a cada chancela de algum local como nova paisagem cultural a entrar na lista dos patrimônios mundiais.

Como visto anteriormente, a ideia de paisagem cultural foi consagrada pela UNESCO em 1992, mas foi regulamentada no Brasil apenas em 2009, ou seja, ainda não havia se traduzido em instrumento de preservação do patrimônio cultural no país.

O que se mostrava um problema, tendo em vista que nos dias atuais é grande a preocupação de se preservar a paisagem que relaciona elementos naturais, culturais e imateriais brasileiras.

A chancela da Paisagem Cultural Brasileira foi realizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em 2009, e representou a inclusão de mais uma ferramenta de preservação do patrimônio cultural, além dos instrumentos federais de proteção e reconhecimento já existentes (a exemplo do tombamento, do cadastro de sítios arqueológicos e do registro de bens imateriais).

Sua regulamentação é dada pela Portaria IPHAN 127/09, essa portaria apresenta definições sobre o conceito de paisagem cultural e também dispõe sobre os meios de inscrição e todo o procedimento necessário para candidatar alguma possível paisagem cultural.

Problema

Após um breve histórico a fim de se localizar o objeto de estudo proposto, e uma breve conceituação de paisagem cultural, será feita uma análise em cima do problema encontrado relacionado ao tema. A expansão urbana no município de Sabará, com suas ocupações irregulares, que se espalham pelas montanhas e morros que circundam o município, cada vez mais visíveis e os impactos sobre uma possível paisagem cultural: O conjunto paisagístico do morro São Francisco e a Igreja São Francisco, ambos localizados no centro histórico de Sabará.

Quando se pensa nos atuais problemas decorrentes desta ocupação, deve-se buscar as causas dos mesmos no passado do município, que se encontrava em transição, da era colonial do ouro em abundância até a era industrial, que chegava promovendo mudanças à cidade.

Como visto no começo deste estudo, em uma parte da história da cidade, o ouro estava se esgotando e a era industrial fazia-se presente nos planos de todo o país. Uma das causas das mudanças morfológicas presentes no município foi a transformação do tecido colonial sobreposto pela estrutura urbana criada para atender a demanda por habitação para funcionários da indústria na primeira metade do século XX.

Novos rumos foram abertos para Sabará, convertendo-a em importante centro industrial. Este foi um dos períodos de grandes mudanças na situação política, social e econômica da região tornando-se a Belgo-Mineira a principal empresa siderúrgica do Brasil até 1946, ano da criação da Companhia Siderúrgica Nacional, instalada no Rio de Janeiro e não em Minas como ambicionavam os políticos mineiros.

A partir da década de 1940, intensificou-se o crescimento populacional da capital do estado, Belo Horizonte. Na década de 1960 a cidade de Belo Horizonte chegou a um milhão de habitantes. O crescimento da capital acabou por fazer com que aumentasse o processo, mesmo que em proporções pequenas, de êxodo da cidade para os municípios vizinhos, dentre eles, e talvez um dos mais atingidos pela maior proximidade com a capital mineira, se encontrava Sabará.

A cidade de Sabará do século XXI sofreu inúmeras alterações. Por se encontrar em área periférica em relação à capital, a “favelização” é um processo quase inevitável.

Inúmeros processos de degradação do ambiente urbano e também da economia local fazem com que a cidade busque novas formas de desenvolvimento econômico e social. O turismo, ao longo dos anos, tenta se firmar e fornecer à cidade um meio de preservar suas jóias arquitetônicas e urbanísticas, mas, com fraco planejamento, quando se pensa no médio prazo e no longo prazo, o turismo nunca foi capaz de realizar seu papel preservacionista quanto ao patrimônio cultural da cidade e também seu papel sustentável quanto ao seu patrimônio ambiental e social.

O que fica perceptível a todos, é que a imagem da cidade que hoje se apresenta, revela as lacunas e rompimentos decorrentes do crescimento desordenado da era industrial até os dias de hoje.

Igreja de São Francisco de Assis

Construída para substituir a primitiva capelinha dedicada a Nossa Senhora Rainha dos Anjos (Arqui-confraria do Cordão de São Francisco). Sua construção ocorreu a partir 1781 e, em 1822, as obras estavam concluídas.

O centro histórico de Sabará, incluindo aqui a Igreja em questão, foi tombado pelo IPHAN no ano de 1938.

Esta igreja possui, além de seu valor histórico e arquitetônico, alguns pormenores que a fazem ser diferenciada das demais igrejas do município. São algumas tradições mantidas há séculos.

As duas maiores tradições se fazem presentes na semana santa, na quinta-feira a abertura do santo sepulcro, onde repousa uma imagem com impressionantes detalhes de Jesus Cristo. O descerramento do sepulcro precede a morte de Cristo, que pela história ocorre na sexta-feira. Por isso, o ato não integra as celebrações da semana santa na Igreja Católica.

A representação do velório de Cristo é também um momento de penitência. Vários grupos passam a madrugada em vigília. A Guarda do Senhor só pode deixar o local do sepulcro ao anoitecer da Sexta-Feira da Paixão. Esta tradição já dura 300 anos.

A igreja também é o ponto de encontro dos fiéis na madrugada da sexta-feira santa. Eles se reúnem na porta da Igreja e por volta das 04 horas da madrugada de sexta

para sábado seguem na procissão que sobe o morro da cruz em direção à Capela do Senhor Bom Jesus.

Os fiéis param 14 vezes ao longo do percurso para lembrar a morte de Cristo. Este percurso é acompanhado pelos matraqueiros, que tocam o instrumento ao longo do caminho para chamar os fiéis à procissão. Alguns utilizam matracas de 1840, que são passadas de geração a geração.

Apesar do tombamento, tanto da Igreja quanto do conjunto paisagístico do morro do São Francisco, ocupações irregulares vêm sendo constante problema nesta paisagem.

Como forma de proteção, não só a este caso específico, mas a todo o município e seus bens, naturais ou culturais, tombados, foi criado um termo de cooperação técnica no ano de 2000 e, posteriormente, no ano de 2006, o conselho deliberativo do patrimônio cultural e natural de Sabará entregou um projeto para o tombamento, na esfera municipal, do conjunto paisagístico do morro do São Francisco e bens integrados.

Termo de cooperação técnica

Uma das situações preocupantes no município de Sabará é o controle do uso e ocupação do solo nas áreas que contém bens tombados e seu entorno, abrangendo praticamente toda a sede municipal.

No estudo de caso presente neste artigo não é diferente, o bairro do Rosário, que faz divisa com o bairro São Francisco, já se faz presente com várias residências, frutos de ocupações irregulares, no alto do morro São Francisco, local inserido no conjunto paisagístico do morro São Francisco, como será visto mais adiante.

Pensando neste problema, que já vinha tomando forma e tamanho difíceis de serem controlados, foi assinado sobre o altar da Igreja de Nossa Senhora do Ó, em dezessete de agosto de 2000 um termo de cooperação técnica, que entre si celebraram o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, e o Município de Sabará, com a interveniência do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura – Seção Minas Gerais. Os signatários deste termo foram Wander José Goddard Borges, prefeito, pelo município de Sabará, Sérgio Abrahão pelo IPHAN, Flávio de Lemos Carsalade, pelo IEPHA e Marcos Túlio de Melo, pelo CREA.

O objeto deste Termo de Cooperação técnica era o exame conjunto de projetos de intervenções urbanas e a adequação do uso dos instrumentos legais já existentes, além de sua operacionalização.

O escopo deste convênio compreendia, também, a elaboração de diretrizes para identificação de zonas diferenciadas de proteção, controle e preservação dentro do perímetro de tombamento e de seu entorno, seguida pela proposição de legislação para o parcelamento, uso e ocupação do solo nas áreas de interesse histórico e cultural, nas áreas de influência de bens tombados e de seus entornos, bem como nas áreas de tutela e de preservação paisagística e ambiental da cidade de Sabará.

O objetivo visado foi a uniformização dos procedimentos e dos critérios de análise e aprovação de projetos e de ações de preservação no município de Sabará, incluindo-se aí o acompanhamento e verificação de obras e intervenções realizadas nos referidos bens e áreas de preservação paisagística e ambiental.

Tombamento do Conjunto paisagístico morro São Francisco

Pensando em toda essa preocupação relacionada à preservação, tanto dos bens tombados quanto de seu entorno, o poder público iniciou um projeto de tombamento municipal.

No ano de 2006 foi proposto pelo Conselho deliberativo do Patrimônio Cultural e Natural do município de Sabará o tombamento do conjunto paisagístico do morro São Francisco.

A área proposta para tombamento é localizada numa das vertentes da Serra do espinhaço, continuidade da cadeia da Serra da Piedade. O Morro São Francisco, ou Serra de São Francisco, compõe a paisagem natural na encosta ao norte do centro da cidade.

Inserido em uma área verde de 107,19 hectares, fica entre os bairros do Rosário, São Francisco, Caieira, Vila esperança e o centro histórico de Sabará.

O projeto de tombamento, com o título de “Conjunto paisagístico Morro de São Francisco e bens integrados” inclui o tombamento não apenas da paisagem

natural ali percebida, mas também de dois importantes vestígios de usos e ocupações históricas na Serra. São eles:

-Em um ponto da Serra está localizado um forno de cal, que foi usado para produção do cal utilizado na construção civil e religiosa em Sabará e região circunvizinha, inclusive utilizado para a construção da própria Igreja de São Francisco, em meados do Século XVIII.

-Um calçadão de pedras, evidenciando que ali se localizava a principal rota de tráfego comercial no período colonial e imperial, integralizando a Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará ao arraial de Santa Luzia, e deste, com a cidade da Bahia (Salvador) via sertões do Rio São Francisco. Tal rota tornou-se conhecida como *Caminho da Bahia* ou *Caminho dos curras do sertão do São Francisco*.

Este calçadão de pedras foi construído em princípios do século XVIII, para facilitar o trânsito das tropas de muares, dos comboios de escravos e do gado que subiam ou desciam a Serra, última barreira natural a ser vencida para se chegar a esse centro comercial e minerador dos tempos coloniais.

Os resquícios do trecho possuem 900 metros de extensão por 3,80 metros de largura, e foi alvo de importante obra de engenharia de pavimentação, contando com terraplanagens e locomoção de grandes pedras cuidadosamente encaixadas pelos escravos calceteiros, evitando com isso os freqüentes acidentes, principalmente em tempos chuvosos.

A área de proteção do morro de São Francisco se constitui em uma encosta de morro, composta principalmente por vegetação de cerrado e campos limpos; uma das justificativas para o tombamento era não apenas a manutenção estética de um “emolduramento” ao conjunto arquitetônico do núcleo histórico, mas também para protegê-la da ocupação urbana irregular nesta área. Outras justificativas foram a preservação do calçamento histórico e do forno de cal confeccionado em pedra seca, visto que, além de fontes de informações sobre o passado colonial mineiro, ambos os bens podem ser elencados como atrativos turísticos da cidade (aqui vale a ressalva de que, para se tornar atrativo turístico, esses bens teriam que passar por várias etapas afim de se

estudar seu estado de preservação e as formas possíveis de inseri-los em alguma rota sem sacrificá-los com o desgaste advindos do turismo mal planejado).

O tombamento do conjunto paisagístico morro São Francisco poderá ajudar em futuros estudos acerca do entendimento da história do município e da economia mineira a partir de seus caminhos, rotas comerciais, técnicas construtivas para a pavimentação das estradas e caminhos e para a compreensão das técnicas de feitura da cal vastamente utilizada nas construções antigas da cidade de Sabará.

Enfim, em vinte e cinco de maio do ano de 2007, o então prefeito Sérgio Luiz de Freitas, após estudar o parecer favorável dado pelo conselho deliberativo do patrimônio cultural e natural de Sabará a este tombamento, assinou o decreto 1629/2007 que “Dispõe sobre o tombamento do conjunto paisagístico do morro de São Francisco.

No artigo 1º deste decreto, fica aprovado este tombamento por seu valor histórico, estético, cultural, arqueológico e natural, o qual será inscrito no Livro do Tombo a que se refere o artigo 3º, da lei nº 423, de 06/05/1991.

Conclusão

A preocupação com a preservação do patrimônio cultural e natural é cada vez mais visível e, com a nova conceituação da paisagem cultura (interações entre homem e natureza, tendo como produto uma realidade física, ou uma construção social ou cultural), faz-se presente um novo mecanismo de proteção, que agora engloba segmentos do patrimônio antes vistos como separados.

Em Sabará essa preocupação com a preservação do patrimônio ainda não é vista com sentido amplo, visto que, de uma forma geral, os bens tombados são analisados apenas como patrimônio cultural material, a exemplo das igrejas, museu e teatro.

O termo técnico assinado no ano de 2000 foi um grande avanço rumo a um planejamento ou gestão territorial integrada, onde não apenas os bens tombados ou áreas de preservação ambiental se fazem foco de proteção, mas as áreas dentro do perímetro de tombamento e de seu entorno, além da proposição de legislação para o

parcelamento, uso e ocupação do solo nas áreas de interesse histórico e cultural, nas áreas de influência de bens tombados e de seus entornos, bem como nas áreas de tutela e de preservação paisagística e ambiental da cidade de Sabará.

O projeto de tombamento do conjunto paisagístico do morro São Francisco foi outro passo importante, e agora já foi percebida uma preocupação conjunta, do meio natural com o ambiente construído. Tanto a fauna e a flora dos 107,19 hectares da Serra quanto o calçadão de pedras e o forno de cal foram inseridos no projeto de tombamento municipal, aprovado em 2007.

Mas o que fica perceptível é que, tanto o termo técnico quanto o tombamento deste conjunto paisagístico, acabam por se tornar meramente documentos para consulta, tendo em vista que não se fazem valer juridicamente.

A falta de fiscalização constante dos órgãos competentes nessa área delimitada causa ocupações irregulares, que já invadem toda a paisagem tombada do morro São Francisco. Se nada for feito com certa urgência, todo o entorno do município, seus morro e encostas, estarão tomados por residências advindas de ocupações irregulares, já que são construídas em áreas de proteção.

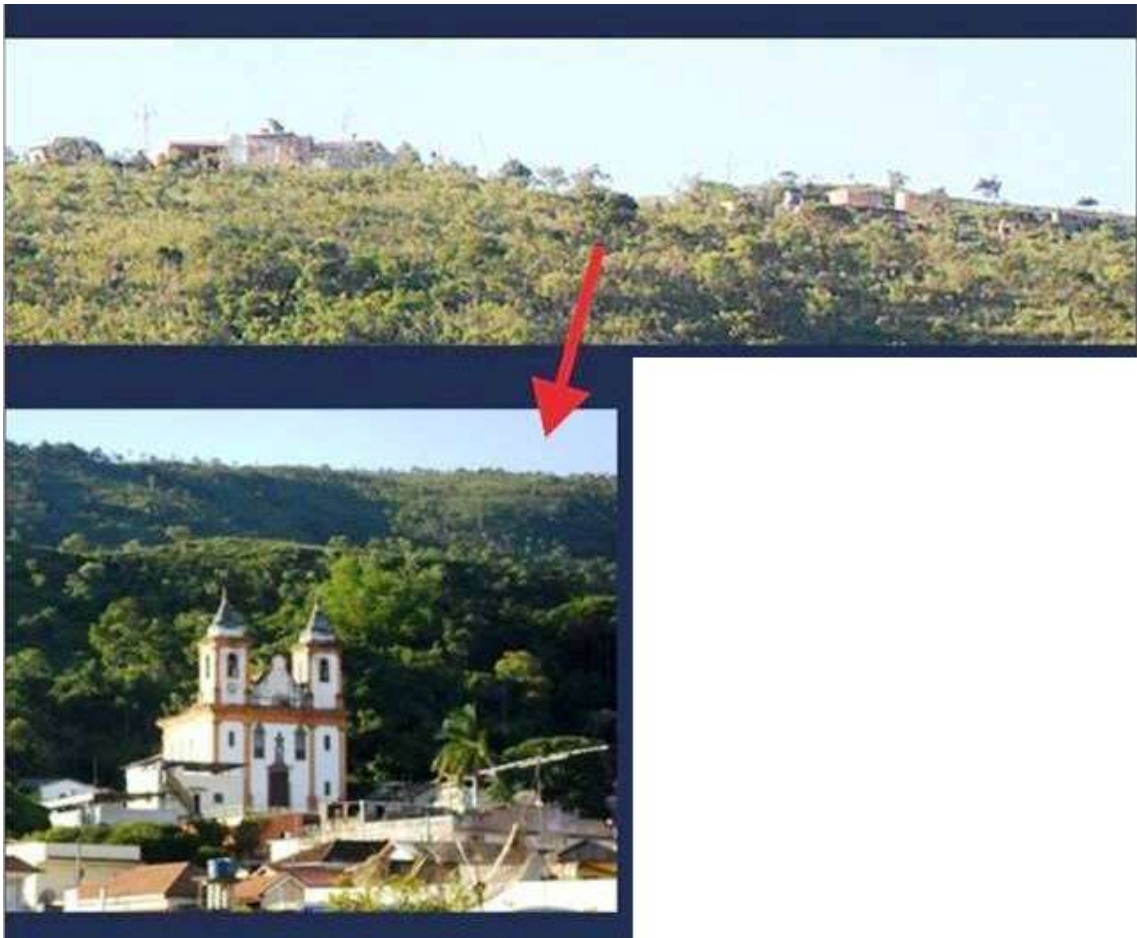


Figura 1

Talvez a junção da Igreja de São Francisco, com todo seu valor arquitetônico e histórico e suas tradições, com o conjunto paisagístico do morro São Francisco e a tentativa de se realizar um projeto de inscrição destes bens como paisagem cultural, seja uma poderosa ferramenta para regressão de uma situação que só vem crescendo, a expansão urbana irregular na cidade de Sabará, que acarreta impactos negativos não só para a estética do município, mas para toda a preservação de sua rica história e de seu acervo histórico e arquitetônico.

Referências Bibliográficas

ÁVILA, Afonso. Iniciação ao Barroco Mineiro. São Paulo: Nobel, 1984.

IPHAN-Instituto do Patrimônio histórico e artístico nacional- Chancela da paisagem cultural Brasileira. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1756>> acesso em 08.Jul.2014

UNESCO - CONVENÇÃO sobre a Proteção do Patrimônio Cultural e Natural. UNESCO, 1972. Disponível em <<http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf> > acesso em 07.Jul.2014

Prefeitura Municipal de Sabará. Termo de Cooperação técnica. 2000

Secretaria de Cultura de Sabará. Conjunto paisagístico Morro de São Francisco e bens integrados. 2006

Figura 1

Ocupações irregulares no Morro São Francisco e Igreja de São Francisco de Assis em Sabará-Mg